



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16428 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

**INCIDÊNCIA DOS MARCADORES SOCIAIS DE DIFERENÇA NAS TRAJETÓRIAS DE MULHERES NEGRAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Mônica Clementino de Menezes - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Solange Balisa Costa - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Adenilson Souza Cunha Jr - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

**INCIDÊNCIA DOS MARCADORES SOCIAIS DE DIFERENÇA NAS TRAJETÓRIAS**

## 1 INTRODUÇÃO

As trajetórias acadêmicas das mulheres negras são frequentemente marcadas por exclusão e dualidade. Nascidas em uma sociedade cujas estruturas e instituições são permeadas pelo racismo, essas mulheres aprendem desde cedo a resistir e lutar contra diversos marcadores sociais de diferença. Estes marcadores são construídos por uma estrutura patriarcal que impõe a dominação masculina sobre as mulheres, sustentada por uma lógica binária heterossexual de gênero que separa e discrimina homens e mulheres, colocando estas últimas em uma posição subordinada em relação aos homens.

De acordo com Bourdieu (2002, p. 99), a submissão das mulheres baseia-se na “história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina”. Essa dinâmica contribui para a perpetuação de desigualdades ao criar barreiras adicionais para o acesso e a permanência dessas mulheres na educação e em outras esferas da vida pública. Para hooks (1995, p. 474) “[...]as mulheres são socializadas para desenvolver práticas relacionais que destacam sua capacidade de cuidar dos outros, e que um tempo para si mesmas, para refletir, não é tradicionalmente valorizado para as meninas negras”.

Este texto emerge a partir de pesquisas, leituras e discussões acerca das trajetórias de escolarização das mulheres negras na Educação de Jovens e Adultos

(EJA) com mulheres negras, com idades entre 15 e 85 anos, com histórico de interrupções no processo escolar.

A abordagem metodológica incluiu análise de documentos oficiais, revisão da literatura específica, entrevistas narrativas e outras fontes correlatas. Benjamin (1994, p. 205) descreve a entrevista narrativa como uma “forma artesanal de comunicação” que mergulha na vida do narrador para depois extrair dela os elementos essenciais. Para Jovchelovich e Bauer (2002), as entrevistas narrativas possibilitam uma visão detalhada das trajetórias educacionais e dos contextos de vida das entrevistadas, revelando as nuances e complexidades de suas experiências.

As entrevistas foram realizadas em uma escola pública municipal, que atende estudantes da EJA, localizada no município de Porto Seguro, BA. O objetivo central foi analisar como os marcadores sociais de diferença influenciam as trajetórias de escolarização dessas mulheres, afetando o acesso e a permanência delas na escola. Para isso, o texto busca refletir sobre como a ausência de direitos contribui para a negação e a incidência desses marcadores.

Assim, o texto apresenta os desafios enfrentados pelas educandas para acessar e permanecer na escola, e as reflexões delas sobre suas trajetórias escolares. Os resultados mostram que nas classes de alfabetização dos municípios pesquisados, as mulheres negras e pardas de mais idade constituem a maioria das estudantes matriculadas. Essas educandas reconhecem sua condição de marginalização dentro da modalidade, destacam a falta de propostas pedagógicas sobre questões sociais e, embora reconheçam a existência da lei que garante o direito à educação, apontam a falta de efetivação dessa lei na prática. A escolarização revela-se um fator transformador em suas trajetórias, levando-as a vivenciar duas histórias distintas: uma antes e outra depois de ingressarem na escola.

### **Educação de Jovens e Adultos entre o direito e a negação**

A inserção de pessoas adultas na educação escolar é anterior ao reconhecimento da EJA como uma modalidade pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) - Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996). A ideia surge da luta da classe trabalhadora, dos movimentos sociais e de intelectuais como Paulo Freire, que acreditava que o ato de conhecimento e conscientização se dá essencialmente por uma educação libertadora, permitindo aos educandos transformar sua realidade e tornar-se sujeitos de seu próprio processo de aprendizagem. Freire (1979, p. 38) afirma: “[...] o destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo sujeito de sua ação.”

Nas últimas décadas, a EJA tem sido alicerçada por uma vasta legislação,

cuja finalidade é ampliar a oferta de acesso, assegurar a permanência e reparar as desigualdades educacionais impostas ao seu público. As pesquisas indicam que o analfabetismo tem diminuído desde 2010; no entanto, o cenário educacional ainda revela desigualdades regionais. De acordo com a Agência Brasil (2023): “A taxa de analfabetismo para pessoas de 15 anos ou mais também reflete desigualdades regionais: o Nordeste tem a taxa mais alta (11,7%) e o Sudeste, a mais baixa (2,9%). No grupo dos idosos (60 anos ou mais), a diferença é ainda maior: 32,5% para o Nordeste e 8,8% para o Sudeste.”

Esse cenário sinaliza que as desigualdades regionais continuam a impactar a escolarização da população desfavorecida. Embora os avanços legais e as políticas tenham contribuído para a mobilização, as discussões e a abertura para a participação popular, não conseguiram transcender o processo de precarização enfrentado pela modalidade. Em 2015, durante a gestão da extrema direita, acelerou-se o desmonte das políticas públicas educacionais.

Com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para presidente, há uma perspectiva de retomada da participação popular. A reabertura da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) visa abranger ações políticas e programas para as modalidades e áreas marginalizadas (Brasil, 2011, n.p.). O Decreto nº 12.048, de 5 de junho de 2024, institui o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação da Educação de Jovens e Adultos, espera-se que a EJA retome os avanços e consiga transcender as lacunas que a marginalizam.

### **Os marcadores sociais de diferença e as trajetórias de mulheres negras na EJA**

Ao construirmos um diálogo com as ciências sociais compreendemos que os marcadores sociais de diferenças são oriundos do processo de desigualdade social que emergem nas relações entre os humanos nas diversas sociedades. Eles possuem diversos caráter como o econômico, de lugar, gênero, religião, raça/cor, etnia, orientação sexual, dentre outros. As diferenças entre humanos existem, entretanto o que não podemos aceitar é que estas tornem instrumentos de opressão de um grupo social sobre outro. “Os “marcadores” sociais da diferença são como “rótulos” que são postos nas pessoas, dispondo-as em” categorias” geradoras de estereótipos. Essas “classificações” sociais criam hierarquias e legitimam desigualdades[...] (Silva, 2020, p. 2).

Gomes (2010, p. 97) postula que, “o Brasil é um país de grande extensão territorial, intensa diversidade regional, racial e cultural [...]”. Essa realidade gera diferenças étnicas, culturais, linguísticas, naturais, entretanto dado o processo de dominação colonial, que originou privilégios para os invasores baseado em uma supremacia eurocentradas, heterossexual e cristã, também criou-se desigualdade

sociais abissais que permeiam todos os âmbitos da sociedade atingindo essencialmente grupos étnicos marginalizados pelas hierarquias dominantes que para garantir prerrogativas nega direitos. “O racismo se constituiu e opera essencialmente da mesma forma que o sexismo, tanto no campo da discriminação, resultando em desigualdades sociais estatisticamente mensuráveis, quanto no âmbito mais amplo[...]” (Nascimento 2003, p.66).

A escola tem o compromisso e a responsabilidade política de problematizar como as diferenças sociais tornarem-se instrumento de opressão, invisibilidade e apagamento do outro. Acreditamos que pensar sobre esses marcadores de opressão nos leva a entender a importância de assumirmos uma educação, ética, igualitária, democrática voltada para o respeito a pessoa humana. Na condição de docentes que vivenciam a experiência com a EJA no chão de escolas percebemos o quanto esses marcadores sociais atravessam de modo silencioso as trajetórias de escolarização das mulheres negras, sendo o racismo aquele que promove todos os tipos de opressões.

Os desdobramentos do racismo estrutural agenciam outros marcadores de diferenças que culminam em desigualdades sociais que são vivenciadas pelos negros/as, como a privação do acesso e da permanência na escola, discriminação de raça/cor, negação de sua identidade étnica, invisibilidade na escola, práticas pedagógicas que legitimam o racismo e a discriminação de gênero. Para Scott (1995, p. 06), o gênero é um “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Para Zamboni (2014, p. 9) “[...] as diferenças de raça e de gênero, por exemplo, foram pensadas de forma secundária, como subprodutos da dominação capitalista que tenderiam a desaparecer com o sucesso de uma revolução socialista”.

Acreditamos que o acesso ao mundo do conhecimento, contribui para conscientização, a libertação de mulheres negras atingidas por diversos atravessamentos. Embora saibamos que a escola sozinha não possua o poder de transformar a realidade marcada pelo racismo, o sexismo e a discriminação, socioeconômica, de raça e de classe, mas alicerça homens e mulheres para o pensar crítico que os fazem perceber e resistir Para Carneiro (2003, p. 3), “o racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas”.

## **Metodologia**

A presente investigação foi de caráter qualitativo descritivo (Brasileiro, 2013), no qual buscamos analisar como os marcadores sociais atravessam as trajetórias de escolarização das mulheres negras na educação de jovens e adultos, a ponto de incidir sobre o acesso e a permanência destas na escola.

Quanto aos instrumentos para produção de informações fizemos uso da entrevista narrativa (Jovchelovitch e Bauer, 2002). As entrevistas narrativas foram gravadas em áudio, depois transcritas, para construção de análises das categorias presentes nesse texto. As entrevistas foram realizadas com cada uma, individualmente, no mês de junho de 2024, em momentos distintos. A análise dos dados foi inspirada em Jovchelovich e Bauer (2002) em que entrevistas narrativas foram analisadas em três etapas: “transcrição”, a “análise temática” e a “análise estruturalista. Na fase da transcrição, foi necessário ouvir atentamente as gravações para garantir precisão; na sequência foi realizada a transcrição literal de modo a registrar fielmente as narrativas das cinco mulheres; após esse momento foi feita a análise temática, considerando a revisão e correção de modo a conferir o texto transcrito, corrigindo possíveis erros, porém manteve-se a completa fidelidade ao conteúdo original das entrevistas.

O terceiro momento foi a análise estruturalista que nos permitiu explorar as relações e estruturas subjacentes nas narrativas observando a organização sequencial dos eventos e como interlocutoras construíram suas histórias. Ao analisar as relações entre os temas foi possível compreender como os diferentes temas e categorias se inter-relacionam dentro das histórias narradas o que possibilitou interpretar as estruturas narrativas e entender os significados implícitos e as dinâmicas subjacentes às experiências das entrevistadas.

### **Resultados e discussões da pesquisa**

As reflexões promovidas a partir das narrativas e do diálogo com a literatura apontam que a EJA é marcada por marginalização, ausência de políticas públicas efetivas para atender as demandas e as especificidades da modalidade.

Durante a pesquisa, os objetivos específicos foram: entender como se deu o processo de escolarização; analisar as formas de resistência e resiliência que elas desenvolvem para superar os desafios.

As colaboradoras da pesquisa foram cinco mulheres, com nomes fictícios (escolhidos por elas ao iniciar as entrevistas), para preservar a identidade de cada uma, conforme apresentadas no quadro 1 a seguir:

#### **Quadro 1** Caracterização das sujeitas da pesquisa, 2024.

Nome	Idade	Raça/cor	Profissão	Estado civil	Ano	Segmento na EJA	Etapa
<b>Odara</b>	55 anos	Parda	Cozinheira	Casada	4º e 5º	I	III
<b>Conce</b>	50 anos	Preta	Gari	Casada	4º e 5º	I	III
<b>Eula</b>	68 anos	Preta/indígena	Marisqueira	Viúva	4º e 5º	I	III
<b>Teka</b>	43 anos	Preta	Serviços gerais	Solteira	6º e 7º	II	IV

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados da pesquisa

As falas das mulheres revelam um percurso de ausências na escola, mas a esperança de transformação, pois iniciar seus estudos ou voltar à escola, vai além do ato de aprender ler e escrever. É, na verdade, a reescrita das trajetórias de vidas delas e de suas famílias, conforme evidenciado por Odara e Teka (2024).

Quando eu não sabia ler era difícil. Já passei por tanta coisa não esqueço o dia que meu patrão disse para que estudar, burro velho não aprende mais. Me chamou de burra né? Eu só entendi depois (suspiro longo) se fosse hoje ele ia ver (Odara, entrevista narrativa, junho, 2024).

Eu não estudei por descaração minha com 13 anos comecei namora na escola, meu pai soube e me proibiu ir para escola. Eu queria liberdade, engravidei cedo. Quando o menino nasceu fui trabalhar e parei de estudar e voltei agora (Teka, entrevista narrativa, junho, 2024).

Nos diálogos com as mulheres foi possível perceber que as histórias são semelhantes, marcadas pela ausência de escolarização na infância, interrupções e retornos, vítimas dos machismos, da violência psicológica, bem como de uma educação assistencialista ausente de formação política. O que é comum é o fato de que “[...]são jovens e adultos populares. Fazem parte dos mesmos coletivos sociais, raciais, étnicos e culturais” (Arroyo, 2005, p. 29).

Eu não fui para escola quando criança morávamos na roça, a escola era longe e meu pai não deixava menina mulher sair sozinha. Meus irmãos trabalhavam na roça também. Quando mudei cá, aí fomos para escola. O trabalho e a criação dos filhos me fizeram parar algumas vezes de estudar (Eula, entrevista narrativa, junho, 2024).

Antes eu tinha muita vergonha ler errado, escrever faltando letras, não passei no concurso para gari, porque não tinha boa leitura. Comecei a estudar já grande, depois que me casei, veio os filhos e eu ia para escola e levava eles. Estudar é bom, mas tem o cansaço do trabalho e a lonjura da escola atrapalha (Conce, entrevista narrativa, junho, 2024).

As narrativas das estudantes apontam que estas compreendem a condição de marginalização por elas vivenciadas na modalidade, pois “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito” (Paiva, 2015, p. 4).

As interlocutoras da pesquisa assinalam as ausências de propostas pedagógicas sobre temáticas sociais afrocentradas que discutam, a história e a cultura dos afro-brasileiros. E mais, reconhecem que a existência da lei contribuiu para o acesso à escola, mas que não assegura a permanência. Como disse Odara: “A lei permitiu a existência do estudo a noite, mas ficar na escola é difícil pelas nossas condições”. Nota-se que escolarização faz suas trajetórias diferentes, ou seja, mulheres narram que vivenciam duas histórias uma antes outra depois da

escola. “Foi na escola que percebi que meu marido fazia comigo era violência e racismo”. Narrou, Eula. As trocas de experiências entre docentes e educandas nas aulas as fazem refletir sobre suas experiências cotidianas e os atravessamentos vivenciados.

### **Considerações Finais**

A análise das trajetórias educacionais das mulheres negras na EJA revela a complexa interseção entre marcadores sociais de diferença, como o racismo e o patriarcado, e as dificuldades enfrentadas por essas mulheres no acesso e permanência na escola. As trajetórias dessas educandas são moldadas por uma estrutura social que perpetua a exclusão e marginalização, refletida em barreiras adicionais que surgem a partir da confluência de desigualdades raciais e de gênero.

Os resultados desta pesquisa evidenciam que, apesar de a EJA oferecer uma oportunidade de ressignificação e transformação pessoal e profissional, as mulheres negras continuam a enfrentar desafios significativos. O racismo estrutural e o patriarcado desempenham papéis cruciais na definição de suas experiências educacionais, criando um ambiente em que essas mulheres não apenas lutam para acessar a educação, mas também para permanecer e progredir em seus estudos.

Portanto, a promoção de uma educação inclusiva, que respeite e valorize as identidades e experiências das mulheres negras, é fundamental para garantir que todas tenham acesso às mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. Só assim poderemos avançar em direção a uma educação verdadeiramente emancipatória e transformadora, que não apenas reconheça, mas também atue contra as estruturas de desigualdade que permeiam a sociedade.

### **REFERÊNCIAS**

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia;

GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRASIL, **Constituição 1988**. Brasília, Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL, MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Fixa as diretrizes e bases da educacional nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação /**Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade**. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2010.

BRASIL, **Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos**

e no Nordeste em 2022, Disponível: <https://agenciabrasil.ebc.com.br>. Acessado em: em 09 de jul. de 2024.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Manual de produção de textos Acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.

BOURDIEU, Pierre. 1930-2002 **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Tradução de: Maria Helena, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento. Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

---

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez. 1979b.

GOMES, Nilma Lino. (Org.). Um **olhar além das fronteiras**: educação e relações étnicos raciais. 1ª ed, 1 reimp. Belo Horizonte: autentica, 2010.

hooks, B. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, V.3, nº 2, 1995, p. 464-478. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br>. Acesso: 24 out. 2020.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: Bauer M. W., Gaskell G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

NASCIMENTO, Elisa L. 2003. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus Editorial.

PAIVA, Vanilda. **História da Educação Popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SILVA, Tatiana Dias. **Mulheres Negras, Pobreza e Desigualdades de Renda**. In.: MARCONDES, Mariana Mazzini. et al. Brasília: Ipea, 2013. Cap. IV. p. 109-132.

SILVA, Karolinne Victória; LEITE, Marcela Barbosa. **O (re) conhecimento dos marcadores sociais da diferença como forma de combate às desigualdades**: uma reflexão introdutória em torno do papel da educação. Anais VII CONEDU –Disponível em: <https://editorarealize.com.br>. Acessado em: 05 de jul de 2024.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n.2, jul./dez., p.71-99, 1995.

ZAMBONI, Marcio. **Marcadores Sociais da Diferença. Sociologia**: grandes temas do conhecimento. São Paulo, v. 1, p. 14 - 18, 01 ago. 2014.